

# **MUSA**

**museus, arqueologia & outros patrimónios**

**Volume 4  
Setúbal 2014**

**FIDS & MAEDS  
Autarquias do Distrito de Setúbal**

# O Palácio da Lagoa da Palha

JOSÉ AUGUSTO VINAGRE\*

## RESUMO

No espaço Pinhal Novo - Rio Frio, no sítio da Lagoa da Palha, é dada a existência de antigo «palácio e ermida», cuja localização merece um olhar mais atento para corroborar ou não a sua existência e descrições associadas. Neste texto procuramos caracterizar o espaço na 1ª metade do século XIX e provar a existência de ambas as estruturas, confirmando a presença de seus vestígios e sua importância histórica e cultural para a região.

1. O espaço onde encontramos vestígios do chamado «Palácio da Lagoa da Palha» e «Ermida» situa-se entre o Tejo e o Sado, em terrenos da charneca pliocénica, predominantemente arenosos e argilosos, qual «*campina rasa de terra branda quase toda de areia*» como se regista nas «*Memórias Paroquiais*» (1758) (Fortuna, 1982, p.35), termo de Palmela, freguesia de Pinhal Novo. O local, que dista 3 kms de Pinhal Novo, corresponde a uma cota elevada a 32 m que se integra no denominado «planalto de Pegões», dominando a nascente a paisagem da outrora charneca, vinha na 2ª metade do séc. XIX e desde o séc. XX extenso montado de sobre<sup>1</sup>. Para poente domina um vale arenoso, com linhas de água e brejos, além do Vale Sanceiro<sup>2</sup>, que terá conhecido pinhal, pelo menos desde o séc. XIX, conforme informação cartográfica (1813-16;1862) e testemunhos escritos locais (Macau, 1872; Gonçalves, 1972; Macau & Godinho, 1974). Aí tivemos permanência de floresta de pinheiro até à década de 1970, hoje residual.

## ABSTRACT

Within Pinhal Novo - Rio Frio is associated a former «palace and chapel», in the site of the Lagoa da Palha; it deserves a closer look, to prove or disprove its existence and associated descriptions. This paper aimed to characterize the space in the 1st half of the nineteenth century and prove the existence of both structures, confirming the presence of their remains and their historical and cultural importance to the region.



Fig. 1 - Poço, que dizemos de «aspecto senhorial», o qual faria parte do conjunto de estruturas que se associavam ao «palácio», cemitério, ermida, pontes. Em último plano, estão o picadeiro e silo. O cemitério «do palácio» fica à esquerda.

\* Professor de História/3º Ciclo na Escola Fragata do Tejo, Moita.

1 - A vinha plantada por José Maria dos Santos é considerada para a época «a maior vinha do mundo», ocupando 2400 hectares com 6 milhões de cepas e uma produção anual de 20-30 mil pipas. A área de montado supera os 5000 ha.

2 - Sanceiro ou Sincero= Salgueiro branco. Logo Vale dos salgueiros que divide a antiga Sesmaria da Lagoa da Palha. O Palácio posicionava-se a nascente do Vale.

2. Na década de 1850 o desenvolvimento do estabelecimento agrícola de Rio Frio e a passagem dos caminhos-de-ferro por estas terras com implantação da estação de Pinhal Novo no extremo SO da sesmaria da Lagoa da Palha<sup>3</sup>, impulsionaram o povoamento da charneca, abrindo uma nova etapa histórica desses espaços, sob o domínio do latifúndio da Herdade de Rio Frio.

Na sequência desses factos, a região ganhou fôlego sobretudo sob a direcção do influente capitalista de Rio Frio, José Maria dos Santos<sup>4</sup>. A partir dessa década, o antigo espaço do território Pinhal Novo - Rio Frio - Poceirão é foco de vagas migratórias colonizadoras, sendo natural que os seus novos ocupantes recriem as origens do mesmo antes da sua presença. Nessa recriação as origens geológicas do espaço estão para os novos colonizadores no «mar», pois antes deles todo o território «foi mar». A origem histórica da região focalizou-se na existência de antigo palácio dos «barões de S. Romão» a cujo espaço se associa ermida.

3. Em documentos soltos da historiografia da região encontramos alusões registadas a essas antigas estruturas: i) um dos primeiros colonos da região, António Macau (1872?), em folha solta manuscrita, naquele que será porventura o documento fundador da historiografia pinhalnovense, refere a região «*cheia de feras*» e alude às suas origens dizendo «*haver na Lagoa da Palha um palácio pertença do barão de S. Romão, falecido em 1820*», bem como o Olho Ferrenho «*grande nascente, onde o antigo possuidor a fez empedrar com cantarias*». Estamos em crer que, desde então, a oralidade foi transmitindo esta informação, a qual ganhou foros de «lenda», com algum fundamento material pois a ruína estava presente; ii) informação do mesmo teor é veiculada por Gonçalves (1972) que tendo por base informação escrita do 1º

Capelão de Pinhal Novo, diz que para a Capela de Pinhal Novo, edificada entre 1872-74, José Maria dos Santos concedeu o terreno e «*além disso (...) os retábulos, ornatos, imagens, sino e outros objectos da Capela da Alagoa da Palha no valor de 300.000 réis*»; iii) em Macau & Godinho (1974, p. 2) confirma-se os testemunhos anteriores sobre «*o Palácio da Lagoa da Palha situado na sesmaria do mesmo nome*».

4. Como já sublinhamos, pensamos que a informação de Macau (1872?) e próximo de nós as contidas em Macau & Godinho (1974) têm sido exploradas pela oralidade, a qual acrescenta outros elementos à «história»: o palácio teria dois pisos e foi consumido por um incêndio; também existia um cemitério (informante: Francisco Inverno<sup>5</sup>).

Atesta o que se diz, a presença no local de vestígios de antigas estruturas, cerca de 250 metros a nascente da linha de água do Vale Sanceiro. Os vestígios estão num plano mais elevado, dando à estrutura palaciana um posicionamento favorável e domínio estratégico sobre as terras da «*charneca da Lagoa da Palha*»<sup>6</sup>.

Conjugamos à presença do dito «palácio e ermida», aspectos funcionais para o território da sesmaria: na linha de água do Sanceiro uma ponte em pedra com arco de volta perfeita e muro redutor de águas (c. 25 m), dando designação ao local, «Ponte de Pedra»; a sua transposição permite percorrer mais 300 m e chegar a um poço abobadado, com bocal octogonal, chamado de «Poço do Olho Ferrenho»<sup>7</sup>.

Perto dos vestígios do palácio é possível observar poço que foi aparelhado com nora, silo vertical e antigo picadeiro. Há pouco mais de uma década, ainda era possível observar pequena casa de feição «rural» dada como espaço de antiga ermida.

Todas estas estruturas, no espaço da antiga Sesmaria da Lagoa da Palha, têm em comum a constru-

---

3 - *Vd. «Planta cadastral»* de Sebastião Meneses (1856), onde a actual estação ferroviária de Pinhal Novo é «*Propriedade denominada Lagoa da Palha*» da viúva e filhos de Manoel Gomes da Costa S. Romão. Em 1856 há trabalhos no ramal de Pinhal Novo («*O Setubalense*»); em 1858 a linha é aberta até Bombel («*O Curioso*»); em 1861 é a inauguração oficial desta linha ferroviária.

4 - Homem que em 1857 casou com a viúva de Costa S. Romão, ficando à frente dos destinos da Herdade de Rio Frio, valendo-lhe tal o epíteto de «Morgado da canita». Sobre a sua acção de transformação da charneca para fins agrícolas *vd. «Agricultura: Arrozaes e pântanos»*, in «*Cysne do Sado*» (3), 1859.

5 - Antigo guarda da Herdade de Rio Frio (n.1907) que viveu junto ao picadeiro. *Vd. sua entrevista in «Entrelinhas»* (1), 1999, p.6-7.

6 - Conforme escrituras de arrendamento de terreno «incorporado» na Sesmaria da Carregueira, lavrada em 1858, onde as courelas de Joze Meão e Joze dos Santos Cadimas confinam a Nascente com a dita charneca.

7 - A ponte permitia a circulação na sesmaria. Segundo informação de Francisco Inverno na mesma linha de água, mais para sul, posicionava-se outra ponte de construção idêntica. Junto ao Poço do Olho Ferrenho, em 1997, na Vala da Salgueirinha foi destruída outra ponte (*Vd. Terrazul*, 1997, p.3).

ção em arenito ferruginoso disponível na região, indiciando as mesmas técnicas de construção e época.<sup>8</sup>

5. Embora as informações disponíveis nos tragam evidências sobre a presença de património edificado, na consulta cartográfica<sup>9</sup> nunca encontramos referência de localização ou sinalética que infira a existência da estrutura apalaçada, nem de ermida, a nascente da linha de água do Vale Sanceiro. Ou seja, por omissão essas estruturas não existiam. Encontramos sim, a nuclearização do topónimo Lagoa da Palha<sup>10</sup>, sempre a poente da referida linha de água, associada a estrutura que consideramos antigo casal agrícola. Nas várias representações consultadas identificamos para o espaço desse possível casal agrícola as designações *Alagoa da Palha* (1767;1768) e *C. da Lagoa da Palha* (1778;1789). Na «Carta» de 1813-16, a qual nos dá a organização espacial do território antes das transformações e colonização da 2ª metade do séc. XIX, ainda no contexto referido, temos a singular designação de *Lagoa da Caza*, (Fig.2) com casal agrícola; esta representação está no interior de um pinhal, sendo bastante explícita, pois, deixa-nos perceber em torno da «caza» e lagoa espaço considerável de terrenos de lavra/culturas, envolvidos por extensa mata de pinheiro que se conjuga com presença idêntica até à Atalaia, onde se referencia por «pinhal do concelho»<sup>11</sup>.

Compete-nos dizer que estamos a falar de informações cartografadas, as quais nunca apresentam referência alguma ao local do «palácio e ermida», distando sempre a designação toponímica «Lagoa da Palha» da presença de seus actuais vestígios.

O posicionamento do topónimo Lagoa da Palha, na «Carte Chorographique des Environs de Lisbonne» (1821), mantém-se a poente da linha de água, que temos por ser o Vale Sanceiro, associado a estrutura («caza»?) e a um brejo ou alagoa. Entendemos que esta representação não diverge das anteriores, excluindo a presença de estrutura apalaçada. Na mesma carta temos sinalizações idênticas para casais agrícolas em Montinhozo, Terrim e Valles.

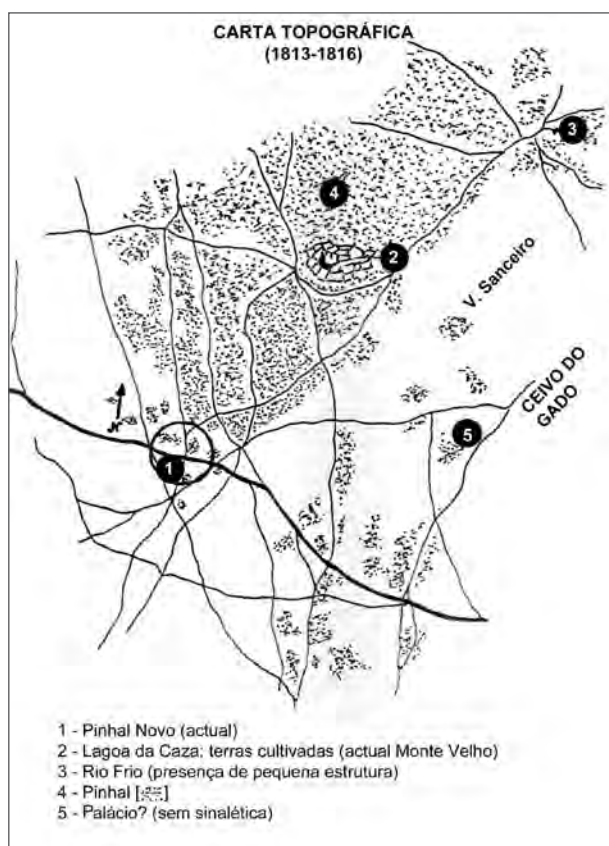


Fig. 2 - Carta Topográfica Militar do Terreno da Península de Setúbal de 1813-16, focada na área da antiga Sesmaria da Lagoa da Palha, na qual é visível o antigo casal agrícola da sesmaria, denominado no documento «Lagoa da Caza». Hoje se denomina por Lagoa do Monte Velho. Escala: 1:30000.

Em carta de 1862 temos a organização espacial da região à época do arranque agro-industrial da herdade de Rio Frio e ferroviário da linha do sul e estação de Pinhal Novo. Denomina-se então o antigo espaço da Lagoa da Palha por Monte Velho e Lagoa da Palha Velha e o topónimo Lagoa da Palha encontra-se deslocado para nascente do Vale Sanceiro, para o alto, onde é tida a existência do palácio e ermida, mas sem referências a qualquer estrutura apalaçada ou ermida<sup>12</sup>.

8 - Em 1997 demos conhecimento das estruturas e vestígios visíveis a técnicos locais. O sítio está na «Carta Arqueológica do Concelho de Palmela» como sendo da Idade Contemporânea.

9 - Nos mapas de Portugal de Álvaro Seco (1561;1565) está assinalado o espaço Rio Frio.

10 - Essa designação, que deu nome à sesmaria, até à 2ª metade do séc. XIX, corresponde a zona de pinhal com presença de brejos e lagoas. Por vezes essa designação toponímica aparece grafada Alagoa da Palha, o que não sendo arcaísmo é mais correcto, uma vez que estamos a falar da presença de águas temporárias.

11 - Designação constante em marcos concelhios, segundo informação do Dr. Luís Graça.

12 - Pensamos que como monte agrícola, servindo a emergente Herdade de Rio Frio, reposicionando-se em antigo espaço do palácio.

Estamos na presença de profundas mudanças locais desde a década de 1850, as quais operam no terreno perspectivas de funcionalidade diferente, havendo deslocação de topónimos. Desde então o epicentro da sesmaria, local de brejos e linhas de água, passou a ser denominado como sítio «Velho» (antigo)<sup>13</sup>.

6. O «*Livro das Sesmarias de Palmela (1597-1625)*» (Fortuna, 2002, p.156-164), fez-nos retroceder quanto à localização temporal da designação Lagoa da Palha, pois nele aparece a Sesmaria da Lagoa da Palha, como «logo», em 1597. De forma lógica ficamos a saber que o espaço se classifica do ponto de vista funcional como uma sesmaria. Macau (1872?), quando procura classificar os antigos ocupantes do território fala de «*distantes*» e «*desconhecidos*» «*sesmarios*».

Pela leitura que fizemos da cartografia e atendendo à localização do topónimo Lagoa da Palha, aceitamos a presença de estrutura agrícola («casal») no seu espaço poente até à 2ª década do século XIX, de que restavam vestígios em pequena duna junto a antigo sapal (do Tejo) designado por Lagoa do Monte Velho (Carta de 1862).

Indo ao encontro da tradição escrita e oral, resta-nos colocar a hipótese do «palácio» ter tido existência na 1ª metade do séc. XIX, porventura ainda no 1º quartel do século.

7. No 1º quartel do séc. XIX, aqueles que são tidos como principais actores da história local, «os S. Romão» e José Maria dos Santos, ainda não fazem parte da história de Pinhal Novo – Rio Frio – Poceirão. A «baronesa de S. Romão» surgirá nestas terras na década de 1840 e José Maria dos Santos na

década de 1850<sup>14</sup>.

Na 1ª metade do séc. XIX, o território em causa é em grande parte charneca, no qual são vizinhas um conjunto de sesmarias como Lagoa da Palha, Palhota, Val da Vila, Venda do Alcaide, Poceirão, entre outras, com alguns espaços marcados pela vinha, oliveira, pinheiro e casais agrícolas dispersos, fazendo rememerar o registo de 1758 («*Memórias Paroquiais*»): «*Rio Frio e suas terras, com vários casais*» (Fortuna, 1982, p.14). Nesta «campina rasa», «arenosa» e «charneca» os recursos serão a lenha e o carvão, o mel, o gado, a água doce e pouco mais<sup>15</sup>.

No que é hoje a estação ferroviária de Pinhal Novo passam e cruzam-se duas vias: uma no sentido Setúbal-Aldeia Galega, outra chamada de «Estrada dos Hespahnóis» no sentido Tejo-Lisboa e interior ibérico. O Rio Frio terra de Pedro Alves Cabral Corrêa de Lacerda e Saldanha no século XVIII, está longe da pujança que irá adquirir na futura década de 1850.

Entre 1913-16 o levantamento da «*Carta Topográfica...*», regista e assinala no local do palácio o «Ceivo do Gado», terra de pastoreio, denotando a vocação agro-pastoril<sup>16</sup> dos espaços de charneca, onde abundam brejos e linhas de água, omitindo a presença de estruturas apalaçadas. Sabendo por Macau (1872?) e por Gonçalves (1972) que a Ermida se liga ao orago S. João<sup>17</sup>, interrogamos o facto de o termo designativo de «Ermida» poder recolocar a existência de um pequeno templo em charneca erma, passe a expressão. «*Sendo o S. João considerado um santo pastor, é natural que fosse o orago da ermida rural da Sesmaria da Lagoa da Palha, cujo espaço envolvente era conhecido por Ceivo do Gado no início do séc. XIX*» (Vinagre, 2000, p. 23)<sup>18</sup>. Ao levantarmos esta dúvida queremos insinuar a existência

---

13 - As transformações da região desdobraram vários topónimos: Pinhal Novo; Poceirão Velho; Lagoa da Palha Velha.

14 - A acção de José Maria dos Santos foi tão marcante ao transformar a charneca que os colonizadores da região lhe ergueram um busto no Pinhal Novo (1916). Santos chega à frente da Casa de Rio Frio, casando (1857) com Maria Cândida, viúva de Manuel Gomes Júnior S. Romão, a dita «baronesa de S. Romão». S. Romão, que era de Ucha, recebera de dote da esposa (1841) as sesmarias da Lagoa da Palha, Palhota e Venda do Alcaide, propriedade de seu sogro Alexandre Ferreira Braga (vd, Martins, 1992).

15 - A lenha e o mel são dos recursos mais disputados. Temos topónimos como Malhada dos Carvoeiros e Pegos do Carvoeiro e na «*Carta*» de 1813-16 estão sinalizadas muitas silhas. As silhas e colmeias mereceram protecção de monarcas como Afonso V e D. Manuel o qual determinou aos carvoeiros que «*não arrancassem a dita cepa no verde onde tivesse silha de colmeias*» (Fortuna, 2002, p. 235-237).

16 - Como indiciam os topónimos Lagoa da Palha, Palhota, Arraiados, Ramada da Rainha e «Malhadas». Na «*Carta*» de 1813-16 observamos, no actual Rio Frio, estrutura em forma de «U» com acesso directo de caminho, o que nos leva a supor local para resguardo directo de gado.

17 - Acrescentamos informação de Francisco Inverno («*Entrelinhas*», 1999) que testemunha, no S. João, antes do nascer do sol, ele e a família irem à água a um poço ao pé do chaparral, no sentido benfazejo.

18 - Segundo Oliveira, Ernesto Veiga de, 1995, *Festividades Cíclicas em Portugal*, Lisboa, Publicações D. Quixote, em Portugal, nesse dia é costume fazer-se a largada dos grandes rebanhos transumantes da Estrela para o Montemuro; na Sertã, para que o gado não seja atacado por doença ou mal, é retirado dos currais antes do sol nascer; no Sul do país têm lugar banhos santos de animais, cabras e ovelhas.

da ermida, antes do palácio, até porque a casa «rural» apontada como antigo espaço religioso, parece não ter estado aparelhada à estrutura maior, possível palácio ou «casa de senhor».

8. Abrimos este ponto, depois iremos ao reforço das evidências que temos descrito, para citar fonte do séc. XVIII, as «*Memórias Paroquiais*» (Fortuna, 1982, p. 23), que refere a existência de uma ermida no Rio Frio: «*tem mais outra ermida de S. Pedro no sítio de Rio Frio nas terras de Pedro Alves Cabral de Lacerda e que se diz foi fundada por Fernando Cabral*», chanceler-mor no reinado de D. João IV (1604-1656).

Então, esta ermida distante de Palmela, «*duas léguas*», a crer nesta fonte terá sido erguida no séc. XVII. Fortuna (1982), em nota final (nº32) situa a ermida na Lagoa da Palha escrevendo: «*parece que esta capela não se situa propriamente em Rio Frio, mas em terras da mesma propriedade no sítio da Lagoa da Palha onde se mantêm alguns restos*». Pensamos que a sua afirmação deve-se ao facto do historiador seguir a tradição, sabendo dos vestígios que a corroboram, a que chama de «*restos*». Mas, mais tarde, em 2003, fruto do seu labor de investigador, informalmente Fortuna disse-me que houve uma ermida no Rio Frio, que não esta da Lagoa da Palha; entendemos da sua informação que a ermida das «*Memórias*» seria mesmo no «*sítio de Rio Frio*» e não na Lagoa da Palha (?).

Sobre o facto alinhamos o seguinte: i) a possibilidade de ter havido ermida no espaço da Sesmaria da Lagoa da Palha, pode ganhar alguma consistência com o apontamento das «*Memórias Paroquiais*» (1758); ii) segundo o «*Livro das Sesmarias de Palmela*», já citado, a Sesmaria da Lagoa da Palha, recua a sua existência ao séc. XVI; iii) não devemos inferir retroactivamente o domínio latifundiário de Rio Frio sobre a individualidade das sesmarias envolventes, sendo que esse domínio ocorre a partir da 2ª metade do séc. XIX; iv) à falta de provas materiais e documentais, sendo a ermida referida nas «*Memórias*» a da Lagoa da Palha, o tempo coloca-a dois séculos antes dos únicos documentos oficiais que citam o Palácio e a Ermida, como registamos no ponto seguinte, o 9; v) para este artigo acresce ainda o facto de no documento «*Memórias Paroquiais*» não se

fazer referência alguma a palácio.

9. Voltamos às evidências apontadas até ao ponto 5, as quais reforçamos dando a conhecer documentos escritos do «Notarial» de Palmela, onde encontramos a confirmação da existência do Palácio e da Ermida: i) numa «*Escritura de Perdão*» de 1833 lavrada «*ahi no Palácio da mesma Sismaria de Jozé Bento de Araugo*»<sup>19</sup> na Lagoa da Palha, - quanto a nós único documento oficial, onde se confirma explicitamente a existência do Palácio; ii) registos de baptismo do Arquivo Distrital de Setúbal (Fortuna, 1997, p. 84) dão-nos a informação de que em 1835 e 1836, são baptizados Maria e António, filhos de Francisco Salvador e Marianna Roza «*recebidos na Irmida d'Alagoa da Palha, filial* » de S. Pedro de Palmela.

Estes documentos do Arquivo Distrital de Setúbal, embora não nos forneçam a exacta localização das estruturas «palácio e ermida», dão-nos a certeza da sua realidade, a qual confrontada com o que temos exposto, nos fazem afirmar a sua existência na antiga Sesmaria da Lagoa da Palha.

10. A ruína e vestígios estruturais estiveram sempre presentes e identificados com os referidos «palácio e ermida». No entanto, em 1996, fomos despertados para essa realidade quando máquinas, a operarem na estrada de «terra batida» Pinhal Novo-Rio Frio –Poceirão, rasgaram a elevação que domina a charneca e região, deixando à vista fundações de antigas paredes arenito ferruginoso ligado por argamassa. Ao visitármos o local com os nossos alunos, observámos vestígios de «*muros com cerca de 60 cm de espessura*»<sup>20</sup>, 13 metros de extensão e cerca de 1 metro de fundura; blocos de pedra (90cmx50cm) arrancados dos alicerces e colocados à vista; nas raízes de um plátano derrubado e nas vertentes da estrada aberta, vimos vestígios alimentares (ossos), fragmentos de pedra, argamassa, calça, vidro, cerâmica e até adobe; encontramos «*maciças pias de calcário*», «*uma consola de calcário branco, usada provavelmente para suportar varandas*», «*bases rectangulares*»; no velho picadeiro as portas e janelas de casa anexa apresentavam um reaproveitamento de alvenaria (do palácio?), ombreiras maiores que o desenho das suas janelas e portas; na casa «ru-

19 - Na assinatura está Araújo. ADS: Notariais, Cx.nº216.

20 - Neste ponto, todas as citações são retiradas do jornal da Escola Secundária do Pinhal Novo, «Terrazul» (Inverno 96/97, p.9-10), com base no que nós e os alunos observámos no dia 5.10.1996.

ral» (antiga ermida?) detectamos «paredes reforçadas com pedra ferruginosa, misturada com adobe», continuando a fundação dessa casa além das paredes levantadas. Como estávamos em Outubro vislumbramos na superfície do solo as divisões daquilo que terá sido em tempos uma estrutura apalaçada, «divisões de casario que variam cerca de 3m e mais de uma dezena (maior divisão ou largura do palácio?)».

No local tínhamos: i) estruturas erguidas: picadeiro e anexos; silo vertical; casa «rural», apontada como antiga ermida (sentido W-E); poço (Fig. 1); ii) vestígios visíveis de fundações de «casario» orientadas no sentido N-S: uma maior, as restantes (aparentemente) menores; iii) o testemunho oral de um cemitério.

11. Pensamos que não restam dúvidas sobre a existência de estruturas que pertenceram a antigo «palácio» e a antiga «ermida», que tradição e documentos atestam. No entanto subsistem dúvidas sobre quem as levantou e quando.

Segundo os testemunhos mais próximos da sua existência teria sido pertença dos barões S. Romão, na década de 1820, entroncando mais tarde nesta história José Maria dos Santos, pois a sua esposa, Maria Cândida, proprietária destas terras, seria a «baronesa de S. Romão» do Palácio da Lagoa da Palha. O dono do palácio S. Romão faleceu em 1820, «casando José Maria dos Santos com a baronesa» (Macau, 1872); «José Maria dos Santos casa com a baronesa» (Macau & Godinho, 1974, p. 2). Esta formulação não corresponde à realidade porque Santos nasce em 1831 e o apelido S. Romão (da Ucha) liga-se ao território só em 1841, não sendo essa família até então proprietária na região.

Pelas escrituras do «Notarial» de Palmela confirmamos a existência de ambas as estruturas na década de 1830, o que aproxima a sua existência da memória e testemunho popular. Também pelo «Notarial», conseguimos informações interessantes: em 1835, Alixandre Ferreira Braga, pai de Maria Cândida, a dita «baronesa», é o dono de «todos e quaesquer terrenos das sismarias da Lagoa da Palha e da Palhota e Val da Villa, de que he outorgante e Proprie-

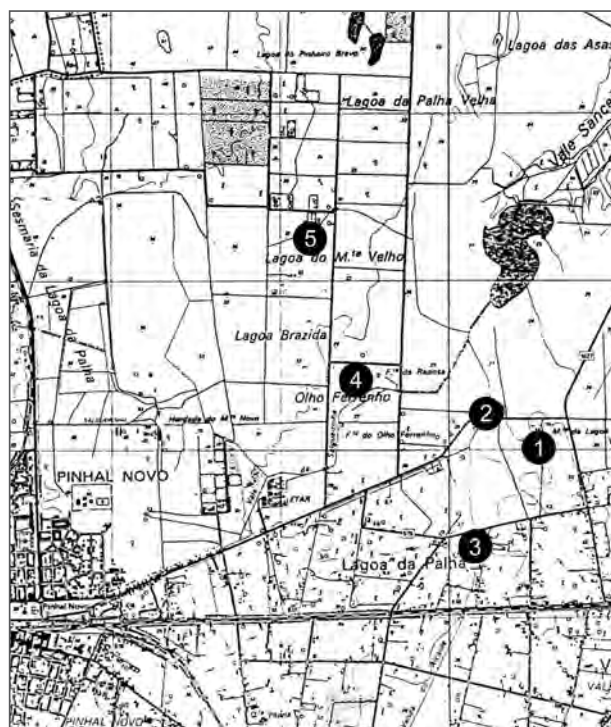


Fig. 3 - 1) Vestígios do palácio e ermida; 2) Ponte de Pedra; 3) Outra ponte (?) segundo Francisco Inverno; 4) Poço do Olho Ferrenho e ponte destruída. 5) Lagoa do Monte Velho, antiga Lagoa da Caza, espaço alagoado que convive com o topónimo Lagoa da Palha Velha. Planta cadastral. Escala: 1:25000.

tário»<sup>21</sup>, sendo seu o palácio; no mesmo documento sabemos que o seu «Procurador bastante» é o «Feitor» Francisco Salvador «morador na Sismaria da Alagoa da Palha», o homem que tinha sido recebido na ermida da Alagoa da Palha.

Com a documentação exposta, no estado actual dos nossos conhecimentos podemos sustentar que talvez no 1º quartel do séc. XIX, existam um palácio e ermida na parte nascente da Sismaria da Lagoa da Palha, cujo dono faleceu em 1820 (Macau & Godinho, 1974, p. 2). Em 1833, o seu proprietário é Araújo<sup>22</sup> e em 1835 é Ferreira Braga. A partir da década de 1840, o casal «S. Romão» é o proprietário das terras de Pinhal Novo a Rio Frio; na 2ª metade do séc. XIX, as terras são de Maria Cândida e J. M. dos Santos.

21 - Notarial:1834-36,Cx.221, fols 48 e sgs.

22 - As informações de Macau (1872), Gonçalves (1972) e de Macau & Godinho (1874) sobre a plantação de pinhais na Lagoa da Palha na década de 1830, entronca na escritura de perdão feita em 1833 no Palácio da Lagoa da Palha, relativa ao corte de pinheiros «do Pinhal da Sismaria da Alagoa da Palha» (ADS: Notariais, Cx.nº216).

23 - Neste ponto pode-se recuar às dúvidas que as «Memórias Paroquiais» (Fortuna, 1982) nos levantam, tal como a A. M. Fortuna (1982, p. 54) quando diz que parece situar-se no sítio da Lagoa da Palha.

Quanto a nós continuamos a subsistir dúvidas sobre as balizas temporais do palácio e sobre quem o levantou. Também não sabemos se em 1841 a estrutura ainda se mantinha erguida e se foi destruída por incêndio. De igual modo temos dúvidas sobre a «Ermida»<sup>23</sup>: será anterior ao Palácio?

Pensamos que uma intervenção arqueológica nos pode retirar algumas dúvidas e enriquecer a história local. Que o próximo contributo para o conhecimento da região e de seus vestígios patrimoniais seja uma intervenção arqueológica, pois as evidências estão no terreno (Fig. 3).

12. Decorreram dezassete anos sobre as nossas observações e chamadas de atenção, relativamente a estes arqueossítios de referência para a região. Entretanto o antigo local da *Lagoa da Caza*, sofreu alterações desastrosas; o Olho Ferrenho sofreu a destruição de uma ponte e o seu poço «público», onde as gentes locais iam celebrar a festa da Ascensão foi envolvido por uma recriação histórica atípica, sendo a própria estrutura vítima dessa intervenção. Quanto ao local do «Palácio e Ermida», não fora a nossa intervenção junto da autarquia, há cerca de uma década, e toda a alvenaria do palácio teria desaparecido numa lixeira.

## BIBLIOGRAFIA

AA.VV. (1996/97) - *Terrazul, Publicação Histórico-Cultural para a região Pinhalnovense* (3 números). Pinhal Novo: Escola Secundária de Pinhal Novo.

FORTUNA, A. M. (1982) - *Monografia de Palmela I. Memórias Paroquiais de 1758*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela.

FORTUNA, A. M. (1997) - *Memórias da Agricultura e Ruralidade do Concelho de Palmela*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela.

FORTUNA, A. M. (2002) - *Marateca que já foi*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela.

GONÇALVES, J. M. (1972) - *Pinhal Novo e a sua História* (Conferência). Policopiado de conferência, proferida em 1972 pelo prof. Gonçalves, na colectividade Sociedade Filarmónica União Agrícola, em Pinhal Novo.

MACAU & GODINHO (1974) - *Largo Público José Maria dos Santos Pinhal Novo. Resumo do Estudo Histórico do Pinhal Novo*. Texto policopiado, com informações baseadas em Macau, 1872 e no testemunho oral do Dr. Godinho de Matos, que foi farmacêutico em Pinhal Novo.

MARTINS, C. A. (1992) - Opções económicas e influência de uma família burguesa oitocentista: o caso de S. Romão e José Maria dos Santos. *Análise Social*, 18, (116-117),

Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, p. 367-404.

VINAGRE, J. A. das Chagas (1998) - Esboço Histórico-Toponímico da Região de Pinhal Novo. *3.ªs Jornadas de Toponímia de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 231-276.

VINAGRE, J. A. das Chagas (2004) - Em torno de Palmela, *5.ªs Jornadas de Toponímia de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 149-185.

VINAGRE, J. A. das Chagas (2010) - Localização e História dos Espaços de Água de Pinhal Novo. *Studia*, 13. Loulé: INUAF, p. 25-30.

VINAGRE, J. A. das Chagas (2011) - *Entre o Tejo e o Sado: o Pinhal Novo antes de 1850*. *Studia*, 14. Loulé: INUAF.

## INFORMAÇÃO CARTOGRÁFICA E FONTES MANUSCRITAS:

Carta Corográfica de Portugal (folha 28). Em roldapé: “Redigida e gravada no Depósito dos Trabalhos Geodésicos do Reino sob a direcção do Conselheiro F. Folque B.º G.º e publicada em 1862”. [«Carta» de 1862]

*Carta topográfica militar do terreno da Península de Setúbal*, construída por ordem do II.º Sr. Marechal e Comandante em Chefe do Exército, Marquez de Campo Maior. Principiou, 1813. Trabalho de campo, 1815. Desenho, 1816. [«Carta» de 1813-16]

*Esquema de triangulação em que os vértices exteriores são: C. Pancas, Barroca de Alva, Atalaia, C. Lagoa da Palha, Rio Frio, Mijadoiro, Poceirão, Lentisqueira, Mira Ventos, Palmela, S. Sebastião, Barra Barra, Batedoiro, Samouco e Alcochete*, “Copie em 6 de Abril de 1778”.

*Esquema de triangulação em que os vértices exteriores são: Sobreira, C. do Murago, M. da mourisca, Ponte do Mira-ventos, Palmela, Mijadoiro, Poceirão, Moita e C. do Bruno*. “copiado de em Fevereiro de [17]89”

*Mappa que se tirou por Ordem do Sr Marechal General Conde de Lallippe para o Ataque em Rio Frio, e Acampamentos nos Olhos d’Agoa, ....* (1767).

*Mappa que por Ordem de S. Alt.ª o Sr. Conde Reinante de Schaubourg, Lippe, Mar. General se tirou de huma parte do Alentejo...* (1768).

*Planta Cadastral*, Companhia Nacional de Caminhos-de-ferro ao Sul do Tejo, 2ª Secção, por Sebastião Lopes de Calheiros e Meneses. (Assinada: Moita, 12/3/1856).

MACAU, António (1872) - *Pinhal Novo* (folha manuscrita). Consideramos que o autor deste documento manuscrito, António Macau, ao qual após a dedada do seu polegar, o mesmo António Domingues Macau que assinou *presente* na escritura de doação do terreno para a igreja de Pinhal Novo, a 17 de Julho de 1872. Fizemos uma comparação de assinaturas e a nossa leitura leva-nos a supor que a sua folha manuscrita sobre Pinhal Novo não datada poderá ser atribuída sem grandes erros a 1872.